

Renato Mezan

INTERFACES DA PSICANÁLISE

Blucher

2ª edição

RENATO MEZAN

Interfaces da psicanálise

2ª EDIÇÃO

Interfaces da psicanálise

Copyright © 2002 by Renato Mezan

Editora Edgard Blücher Ltda.

2ª edição – 2019

Capa

Leandro Cunha

Índice remissivo

Noemi Moritz Kon

Índice onomástico e índice de textos de Freud

Marisa Nunes

Preparação

Eliane de Abreu Santoro

Preparação dos índices

Luciano Marchiori

Revisão

Isabel Jorge Cury

Otacílio Nunes

Beatriz de Freitas Moreira

Beatriz Carneiro

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blucher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Mezan, Renato

Interfaces da psicanálise / Renato Mezan. – 2. ed. – São Paulo : Blucher, 2019.

592 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1865-4 (impresso)

ISBN 978-85-212-1866-1 (e-book)

1. Psicanálise 2. Inconsciente (Psicologia) 3. Freud, Sigmund, 1856-1939 I. Título.

19-1797

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação.....	9
PRIMEIRA PARTE – MOMENTOS DE UMA HISTÓRIA.....	15
<i>A interpretação dos sonhos: origem e contexto</i>	17
A Medusa e o telescópio: Freud e o olhar.....	32
As cartas de Freud.....	83
O irmão: ficção psicanalítica.....	100
O inconsciente segundo Karl Abraham.....	115
Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi.....	151
Cem anos de interpretação.....	174
A recepção da psicanálise na França.....	196
Figura e fundo: notas sobre o campo psicanalítico no Brasil.....	221
SEGUNDA PARTE — A PSICANÁLISE NO SÉCULO.....	255
Subjetividades contemporâneas.....	257
Destinos da agressividade entre os judeus.....	273
Humor judaico: sublimação ou defesa?.....	286
Sonhos induzidos: a eficácia psíquica da publicidade.....	302
Psicanálise e cultura, psicanálise <i>na</i> cultura.....	317

Conteúdo

TERCEIRA PARTE — A PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE	393
Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos, reflexões.....	395
Sobre a epistemologia da psicanálise	436
Notas de leitura.....	520
Nota sobre a origem dos textos	557
Índice remissivo	561
Índice de obras mencionadas.....	577

A interpretação dos sonhos: origem e contexto

“Este livro é minha reação ao fato mais importante, à perda mais pungente que ocorre na vida de um homem: a morte de meu pai.” Assim se expressa Freud no prefácio à segunda edição de *A interpretação dos sonhos*, em 1909, dez anos após a publicação da primeira — cujo centenário estamos comemorando por estes dias. Como que para saudar o novo século com um progresso decisivo no conhecimento da alma humana, o editor Deuticke colocou no frontispício do livro a data de 1900. E, de fato, o século que ora se encerra foi — ao menos no campo das humanidades — o século freudiano. Nenhuma outra corrente de pensamento influenciou tanto nossa visão do homem, das relações interpessoais, da educação das crianças, dos conflitos emocionais, para não falar do óbvio — a sexualidade — quanto a escandalosa disciplina da qual a *Traumdeutung* é o primeiro monumento e ao mesmo tempo uma das mais impressionantes realizações.

É interessante pensar que, muitas vezes, as obras inaugurais de uma área da invenção humana atingem um grau de perfeição dificilmente alcançado pelas que se seguem. É como se a descoberta de um novo campo expressivo trouxesse consigo um potencial de criação de ideias e de padrões que já nas primeiras concretizações se encontra realizado em grau superlativo. Pense-se no caráter ao mesmo tempo original e modelar dos poemas homéricos para a língua grega, do *Pentateuco* para o idioma hebraico, da *Divina comédia* e dos *Contos de*

Canterbury para o italiano e para o inglês, ou ainda no *Cravo bem temperado* para o sistema tonal na música, nos concertos de Mozart para o piano da sua época e das sonatas de Beethoven para o da sua... os exemplos certamente não escasseiam. *A interpretação dos sonhos* é algo do mesmo gênero: referência para todas as realizações futuras e demonstração impressionante da fecundidade de um pensamento revolucionário.

O livro saiu em novembro de 1899, mas sua redação se iniciou bem antes. Ela faz parte de um conjunto de trabalhos que ocupou Freud na segunda metade da década de 1890, após a publicação dos *Estudos sobre a histeria*, em 1895. Aliás, esse foi um ano fértil em inovações, sem as quais nosso século não teria a feição que teve: os irmãos Lumière realizam a primeira projeção de cinema, Marconi inventa o telégrafo sem fio, ocorre a primeira Bienal de Veneza, Roentgen descobre os raios X, e em Paris se publica a *Iconographie de la Salpêtrière*, um livro adornado com gravuras mostrando com riqueza de detalhes as contrações, paralisias e contorções das histéricas internadas naquele hospital. Ora, a histeria era na época o grande mistério da medicina, e discutia-se até mesmo se se tratava ou não de uma doença. Havia os que pensavam que as histéricas eram apenas simuladoras em busca de atenção; Freud, nas pegadas de seu professor Charcot, era dos que se opunham a tal concepção e dedicara-se nos anos anteriores a elucidar o problema da histeria.

Tal esforço o conduziu a diversas consequências, entre as quais a descoberta do método para interpretar os sonhos. Tentando compreender por que as histéricas não conseguiam nem lembrar nem descobrir o sentido dos seus espetaculares sintomas, Freud foi levado a postular a existência de uma região psíquica na qual se alojava a recordação de certos traumas, frequentemente de natureza sexual: o inconsciente. Em virtude da ação de mecanismos a que denominou *defesas*, essas ideias e lembranças penosas se encontravam separadas da consciência, porém conservavam seu poder patógeno; assim, os sintomas eram resultado de diversas combinações entre os impulsos proibidos e as defesas contra eles, em particular a repressão.

Esse é o pano de fundo contra o qual se organizam suas pesquisas no final da década de 1890. Não é difícil compreender que, tendo partido de um problema específico — a natureza e o tratamento da histeria —, Freud se visse pouco a pouco a braços com toda a psicopatologia, na época território tão desconhecido quanto o interior da África. Por que, em alguns casos, os conflitos conduziam

à formação de uma histeria, em outros à de uma neurose obsessiva, em outros ainda a quadros diferentes? Por que a sexualidade desempenhava um papel tão essencial nesse conjunto de perturbações? Como funcionava a memória, para que o ato de recordar e de reviver os traumas esquecidos tivesse a extraordinária consequência de extinguir os sintomas? Por que a interpretação deles, isto é, a descoberta da sua causa e da sua significação, abria caminho para a cura da paciente? Essas e outras questões impuseram a Freud a tarefa de construir toda uma psicologia, isto é, uma teoria da mente capaz de dar conta tanto do seu funcionamento normal quanto dos diversos tipos de desarranjo que o podem afetar. E, ao longo dos anos que vão de 1895 até 1900, nós o vemos debater-se com esses mistérios, tateando, propondo e descartando hipóteses, até conseguir criar o arcabouço do que seria a psicanálise.

AS AFINIDADES ELETIVAS

Temos dessa época uma documentação extraordinária: as cartas trocadas com Wilhelm Fliess, um médico de Berlim, judeu como Freud, e que durante anos foi seu principal interlocutor. Por elas sabemos das suas dificuldades teóricas, clínicas e pessoais durante aquele período, talvez o mais rico e fecundo da sua longa vida. Por mais de quinze anos, de 1887 até 1902, Freud enviou quase diariamente a seu amigo uma vasta série de esboços teóricos e relatos clínicos, bem como narrativas detalhadas do seu dia a dia e comentários acerca dos acontecimentos políticos, culturais e científicos que o interessavam.

Naturalmente, remetia também a Fliess os capítulos do livro sobre os sonhos, à medida que os ia escrevendo, e esperava ansioso as críticas e os comentários do seu “único público”, como o chamava carinhosamente. A correspondência com Fliess é assim uma espécie de *making of* da *Traumdeutung*, o filme paralelo que documenta peripécias, impasses e conflitos que acompanharam a sua redação.

Freud necessitava, para construir sua psicologia, de uma via de acesso ao inconsciente menos cheia de obstáculos do que a que lhe proporcionavam as neuroses. Esse foi o motivo que o levou a se interessar pelos sonhos, além do fato de que seus pacientes — como os de hoje, aliás — frequentemente contavam sonhos nas sessões. Freud teve a ideia de aplicar ao sonho o mesmo método que aperfeiçoara para investigar as neuroses, isto é, a combinação da associação

livre com a interpretação do sentido. E assim, na manhã de 25 de julho de 1895, sentou-se à sua mesa de trabalho e dedicou-se a associar cada fragmento de um longo sonho que tivera na noite anterior: o da “injeção em Irma”.

Esse sonho e sua interpretação compõem o segundo capítulo do livro, intitulado “Análise de um sonho-modelo”. Freud toma cada elemento do sonho — o cenário, os diálogos, os personagens, etc. — e segue as associações que ele lhe suscita: com isso, forma-se uma trama paralela de ideias, imagens e sentimentos, na qual certos fios se cruzam e se recruzam. A essa trama, ele denominou *conteúdo latente do sonho*, e postulou que, por meio de *condensações* e *deslocamentos*, ela daria origem ao sonho “sonhado”, ou seja, ao *conteúdo manifesto*. Isso implicava postular que o conteúdo latente se apresentava transposto e como que deformado no conteúdo manifesto, e que a responsabilidade de tal deformação incumbia às defesas encarregadas de censurar o que, no conteúdo latente, fosse reprovável pela consciência moral — isto é, os desejos sexuais e agressivos. Desse modo, chegou à definição do que é a função psicológica do sonho: “um sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido”, fórmula que se tornou célebre.

No final de 1896, falece o pai de Freud, fato que o lança numa grave depressão. Ele já tinha o costume de anotar seus sonhos e os interpretar sistematicamente; vários deles, inclusive o que teve na noite da morte do pai, foram incluídos no livro. Durante o ano de 1897, Freud está inquieto: seus esforços para construir a “psicologia” se revelam infrutíferos, o luto pelo pai inibe sua criatividade, as análises são interrompidas pelos pacientes antes da solução dos seus sintomas... As cartas documentam esses momentos difíceis, bem como as tentativas de teorização dos problemas clínicos: Freud se persuade de que as histéricas haviam sido seduzidas pelos pais e que esse trauma era a causa última — o *caput Nili*, a cabeceira do Nilo — dos sofrimentos delas. Publica essa hipótese — e é saudado com sonoras gargalhadas por seus colegas médicos, um dos quais chega a dizer que a teoria da sedução era um “conto de fadas científico”.

A AUTOANÁLISE

E então, em setembro de 1897, sobrevém a catástrofe: Freud se dá conta de que a sedução era mais uma fantasia do que uma realidade. Na dramática carta de 21 de setembro de 1897, descreve a Fliess os motivos que o levaram a aban-

donar aquela hipótese, e ao mesmo tempo comenta que seu trabalho dos últimos cinco anos desmoronava como um castelo de cartas. Desesperado, inibido em seu trabalho, perdido em meio aos enigmas que o atormentavam, decide aplicar a si mesmo o método terapêutico que inventara e empreende uma autoanálise sistemática. Como não podia consultar um psicanalista — pois era o único praticante da arte —, resolve valer-se da “estrada real para o inconsciente” que os sonhos lhe ofereciam. Noite após noite, estes se tornam mais vívidos e detalhados: no dia seguinte, ele os anota e interpreta, percorrendo todas as veredas a que o levam suas recordações e fantasias.

O resultado não se faz esperar: em poucas semanas, como lemos nas cartas do outono de 1897, desvenda todo um período da sua primeira infância, no qual encontra os impulsos incestuosos e agressivos que posteriormente denominou “complexo de Édipo”. Confirma com sua mãe certos detalhes factuais surgidos da interpretação desses sonhos; a descoberta de que eram verídicos o anima a continuar. Ele prossegue em sua aventura solitária, seguindo duas vertentes simultâneas que desde então se encontram indissociavelmente vinculadas na psicanálise: a exploração de um psiquismo singular (o seu), com as experiências, lembranças e fantasias próprias a ele e apenas a ele, e a teorização em escala mais vasta, buscando extrair, desse material absolutamente individual, características, constantes e mecanismos que pudessem ser válidos para todos, ou ao menos para uma certa categoria de pessoas.

Em *Freud, pensador da cultura*, especialmente no segundo capítulo, procurei traçar as principais etapas e ramificações desse trajeto, cujos detalhes naturalmente não é o caso evocar aqui. O que fica claro, como desenho geral, é que Freud opera constantemente em três níveis ou registros. Um é o da análise de suas próprias produções psíquicas, especialmente os sonhos. Outro é o das questões clínicas suscitadas por seu trabalho, tanto no plano técnico (questões ligadas à interpretação, à transferência, à resistência e a outros aspectos do processo analítico) quanto no plano psicopatológico (a distinção e classificação das diversas neuroses). O terceiro, de fundamental importância, é o da referência à cultura e ao social-histórico, ou seja, a dimensões extraindividuais que de um modo ou de outro determinam a vida psíquica do indivíduo. Estão nesta categoria suas reflexões sobre a moral e seu papel coercitivo quanto aos desejos, mas também os primeiros estudos de obras literárias, nas quais discerne a operação

dos mesmos mecanismos e elementos postos em relevo pelo estudo das neuroses e dos sonhos: defesas, condensação, deslocamento, fantasias, etc.

Dessa maneira, Freud se interessa pelos atos falhos e, em 1898, envia a Fliess a análise do esquecimento do nome de Signorelli, o pintor dos afrescos da catedral de Orvieto, fato que formará o capítulo inicial da *Psicopatologia da vida cotidiana*. Também começa sua coleção de piadas judaicas, que fornecerão o material ilustrativo de um de seus livros mais importantes, *O chiste e sua relação com o inconsciente*, no qual se debruça pela primeira vez sobre a questão da agressividade. E, animado pelos resultados da sua autoanálise, que lhe permite vencer a depressão e descobrir modos mais eficazes de trabalhar na clínica, decide no início de 1898 escrever um livro sobre a interpretação dos sonhos.

UMA SÍNTESE DAS DESCOBERTAS FREUDIANAS

O que se disse até aqui basta para perceber como a *Traumdeutung* é muito mais do que um manual para interpretar os sonhos. A obra concentra praticamente tudo o que Freud havia descoberto até então, e seu plano aparentemente simples oculta uma riqueza que até hoje os analistas não acabaram de explorar. O primeiro capítulo foi na verdade o último a ser escrito: é uma revisão da literatura científica sobre os sonhos, tal como existia em 1899. Freud adiou sua redação o quanto pôde, porque o material era árido e pouco trazia de interessante tanto para ele, que acabara de organizar suas próprias ideias, quanto para o leitor, que seria obrigado a percorrer dezenas de páginas antes de chegar ao que de fato era relevante. Mas, depois de um debate epistolar com Fliess, Freud decidiu que era necessário provar à comunidade médica que sabia do que estava falando, que conhecia o que se fizera antes dele, e podia dar razões convincentes para recusar o ponto de vista predominante na época, a saber, que ou o sonho não tinha sentido algum, ou era apenas resultado de processos fisiológicos no cérebro, no fundo não muito diferentes dos gases intestinais que às vezes acompanham a digestão.

Atravessada essa *selva selvaggia*, o leitor encontra a análise do sonho de Irma, com seu cortejo de associações. Um breve capítulo iii enuncia a tese de que todo sonho é uma realização de desejos, ilustrando-a com exemplos de sonhos infantis e de “comodidade” (o sedento que sonha com água, o estudante

tresnoitado que sonha já ter chegado ao seu local de trabalho, etc.). Vem em seguida o quarto capítulo, que introduz as noções centrais de deformação, conteúdo latente e conteúdo manifesto. O capítulo v trata do material e das fontes do sonho — as vivências recentes (“restos diurnos”), o infantil, o somático — e discute alguns sonhos típicos, como os de nudez, de exame e da morte de pessoas queridas.

O capítulo vi, o mais longo, estuda o *trabalho do sonho*, ou seja, os mecanismos pelos quais de todas as fontes e materiais latentes se elabora o sonho manifesto. Aqui se amplia o exposto no capítulo iv sobre a condensação, o deslocamento, a “consideração pela figurabilidade” — ou seja, os mecanismos pelos quais *ideias* se transformam em *imagens* — e se aborda a questão da lógica do sonho, isto é, como materiais tão díspares se combinam para formar uma sequência de imagens que funciona como uma narração.

No sétimo capítulo, Freud enfrenta o grande problema de construir um modelo da psique que possa explicar como o sonho é possível. Aqui surgem as ideias de inconsciente, consciente e consciência, de regressão, de realização do desejo como aquilo que move o “aparelho psíquico” e ao mesmo tempo o emperra. Discute-se também a questão da angústia, materializada no fenômeno tão comum do pesadelo, e se introduz o conceito capital de processos primários e secundários.

Esta breve enumeração dos tópicos do livro não pode transmitir a sensação de maravilhamento que se apodera de quem o lê pela primeira vez. Freud é um escritor magnífico. Dá inumeráveis exemplos de cada tema que aborda, extraídos de sonhos próprios e de pacientes; comenta obras literárias — na seção “sonhos típicos” do capítulo v, fala de *Édipo-Rei* e de *Hamlet*, a propósito dos desejos edipianos na criança, mas aqui e ali salpica seus argumentos com referências a Cervantes, Shakespeare, Goethe, Zola e inúmeros outros ficcionistas. Oferece mais do que uma introdução à teoria das neuroses, comparando seguidas vezes aspectos da vida onírica a questões da psicopatologia. Pouco a pouco, vai persuadindo o leitor de que a tese defendida no livro é verdadeira, e por vezes utiliza o recurso de conversar com um interlocutor imaginário, que levanta objeções que o leitor certamente também faria. Assim, quando se abre o capítulo “teórico”, com a comovente narrativa do sonho da criança morta cujas roupas pegam fogo porque sobre elas caiu a vela funerária, o cenário está armado para a construção da “psicologia” que Freud perseguira com tamanho afincamento

nos anos anteriores e que serve como fundamento tanto para a teoria dos sonhos quanto para a teoria das neuroses, além de fornecer as justificativas metapsicológicas para a técnica psicanalítica.

UM TRABALHO DE DETETIVE

A ordem lógica dos capítulos — cada qual com um grande sonho cuja análise faz avançar o argumento, cercado de inúmeros outros que ilustram tópicos mais específicos — oculta, porém, uma outra, a da autoanálise. Devemos a Didier Anzieu um paciente trabalho de reconstrução dessa autoanálise, num livro que ainda hoje, quarenta anos após sua publicação, é leitura obrigatória para quem se interessa pelas origens da psicanálise: *L'auto-analyse de Freud* (puf). Utilizando referências cruzadas entre os sonhos, a correspondência com Fliess e os fatos históricos a que Freud alude ao comentar certos sonhos — a queda de um gabinete ministerial, a eleição de um prefeito antisemita em Viena, a guerra de 1898 entre os Estados Unidos e a Espanha, etc. —, Anzieu reconstitui todo o trajeto de Freud por seu próprio inconsciente. Mostra de que modo os sonhos abriram caminho para a análise de seus desejos infantis, das angústias que os acompanhavam e dos sintomas que ambos colaboraram para organizar no adulto Freud; expõe as etapas da elaboração do luto pelo pai; elucida os fundamentos neuróticos da amizade com Fliess, que a rigor bem se poderia chamar de “paixão transferencial”. Aliás, como talvez fosse previsível, a conclusão do livro sobre os sonhos trouxe também o fim dessa relação, na qual Fliess desempenhou sem saber o papel de um analista — um tanto obtuso e atuador, é verdade, mas indispensável para que o processo se instalasse e se desenvolvesse.

Quando começa o novo século, Freud dá os passos necessários para ser nomeado *professor extraordinarius*, cargo honorífico cujo prestígio na sociedade austríaca poderia lhe granjear clientela e algum respeito por parte de seus colegas médicos. Tem encaminhados o *Caso Dora* — a primeira amostra mais consistente do seu trabalho, publicada somente em 1905 —; o livro sobre os atos falhos, que saiu em 1901, e o esboço do *Chiste*. Conseguiu finalmente construir um sistema de psicologia fundamentado em hipóteses claras sobre a estrutura da psique, sistema capaz de dar conta tanto de seu funcionamento normal quanto dos transtornos que o podem perturbar, cada um engendrando uma neurose

diferente. Tem os elementos para fundamentar sua prática e dar conta do sucesso ou do fracasso de seus tratamentos.

A *interpretação dos sonhos* é o marco central nesse trajeto: antes de a concluir, Freud era um cientista talentoso, mas perturbado por sintomas que ele mesmo chamava de histéricos e por inibições e depressões que às vezes o incapacitavam para seu trabalho. Era um homem um tanto frustrado, que sabia ser muito capaz, mas que chegara aos quarenta e poucos anos (na época, isso era o início da velhice) sem atingir os altos objetivos que sua ambição e seu talento lhe haviam fixado.

Obviamente, a publicação do livro não mudou isso do dia para a noite: mas o que ele continha era o começo de uma nova disciplina, bem como o ajuste de contas de Sigmund com seu pai, com a sociedade tacaña em que se sentia sufocado e com seus próprios demônios interiores. Em breve, começaria a reunir em torno de si jovens médicos interessados em suas descobertas, que formariam o núcleo inicial do movimento psicanalítico. Ainda teria pela frente quarenta anos de vida produtiva, como sabemos, e muitas descobertas ainda estavam por se associar ao seu nome. Mas certamente estava justificado em considerar, como escreveu em 1931 no prefácio à terceira edição inglesa do seu livro: “*Insight such this as falls to one’s lot but once in a lifetime*” — descobertas como esta só se fazem uma vez na vida.

UM ANO EMBLEMÁTICO: 1895

Se agora alargamos nosso foco e tentamos observar o contexto mais amplo no qual se inscrevem as pesquisas mencionadas acima, um aspecto se impõe à nossa consideração: a forte densidade de descobertas e invenções que marca os meados da década de 1890. Tomemos como exemplo o ano de 1895, que se situa exatamente no meio dela. Ao contrário de outros anos que exercem especial fascínio sobre a imaginação por assinalarem o início ou o fim de um ciclo — como 1000 ou 2000 — ou pela configuração particular dos seus Algarismos — como 666, a Besta do Apocalipse —, 1895 não apresenta nenhum charme numérico especial. Mas datas assim podem ser especialmente ricas em fatos sociais e culturais, como se no breve espaço de alguns meses surgissem os frutos quase maduros de processos que até então vinham se desdobrando silenciosamente:

o que sugere que os ritmos de diferentes esferas da vida social, científica e artística podem ser colocados lado a lado, evidenciando certas simultaneidades preñhes de sentido. São instantes breves, mas túrgidos, cuja pulsação dá origem a efeitos aparentemente heterogêneos: só o olhar retrospectivo pode perceber que, de algum modo, eles apontavam para direções convergentes.

Tal é o caso do ano de 1895. Em seu artigo *L'anatomia impossibile*, o curador da Bienal de Veneza de 1995, Jean Clair, assinala uma série de fatos e descobertas que ocorreram precisamente em 1895: a invenção do cinema pelos irmãos Lumière e da radiotelefonia por Marconi, a descoberta do raio x por Roentgen, a nova edição adornada com fotogravuras da *Iconographie de la Salpêtrière*, a publicação dos *Estudos sobre a histeria*, de Freud e Breuer, a primeira edição da Bienal italiana...

Dessa série, o elemento menos conhecido do grande público talvez seja o livro francês. Trata-se de uma reunião de imagens que retratavam as contorções corporais típicas da grande histeria, tal como as protagonizavam as pacientes do hospital da Salpêtrière em Paris nas apresentações do professor Charcot.

O espetáculo visual que ali se desenrolava — mulheres quase em transe, retorcidas nas posições mais extravagantes — conferia um ar ligeiramente fantástico às exposições do médico, que procuravam explicar quais mecanismos mentais estavam ali em ação. A ciência e o circo encontravam-se assim reunidos, e o público (estudantes e cientistas, mas também interessados em geral) vivia momentos de grande impacto, não isentos de um certo condimento erótico, assim como de algum *frisson* ligeiramente impróprio para o que pretendia ser uma austera lição de neurologia.

Jean Clair está interessado, em seu artigo, no estatuto da imagem, que de estática (na pintura e na fotografia) passa ao mesmo tempo a ser tremulante e reproduzível em larga escala, a poder ser extraída do interior dos corpos (pelos raios X), a poder em breve ser transmitida através do espaço (pela televisão, que surgirá poucas décadas depois).

Para além do sentido estético dessa transformação, sentido que repercute sobretudo na esfera das artes visuais — campo da sua especialidade —, é todo um universo cultural que, em torno de 1895, se vê afetado de forma ampla e, para os contemporâneos, provavelmente pouco clara. A mudança ocorreu em muitos campos simultaneamente, de modo que não é inadequado nos referirmos aos anos 1890 como especialmente pródigos: como se no espaço de uma década se tivesse gestado muito do que viria a ser a cultura do século xx.

Várias obras importantes se ocuparam desse período, dentre as quais cabe destacar o livro *Viena fin-de-siècle*, de Carl Schorske (Companhia das Letras). Aqui o autor se concentra na Viena da época de Freud, mas também de Klimt, do novo urbanismo, dos expressionistas e simbolistas, do surgimento do chamado “marxismo ocidental”, da nova música. Nem todas essas correntes, é claro, têm suas datas significativas exatamente no ano de 1895, mas é verdade que, se ampliarmos nosso horizonte para alguns anos antes e depois, verificaremos uma extraordinária concentração de produções que apresentam um certo “ar de família”, o que justifica estudá-las em conjunto e contrapô-las em conjunto ao que se produziu no período imediatamente anterior.

Outro historiador, Stuart Hughes, propõe em seu livro *Consciousness and society* (Nova York, Vintage Books, 1977) que a década de 1890 pode ser tida como um período especialmente fértil para a “reorientação do pensamento europeu”. Para Hughes, o que caracteriza esse breve período é a “revolta contra o positivismo”, nesta categoria incluindo-se não somente as ideias filosóficas de Auguste Comte, mas toda uma forma de compreender e representar a realidade.

O que caracteriza essa categoria? É todo o ideário do século XIX que ela implica: a crença no progresso da razão e da sociedade, a possibilidade de princípio de submeter o irracional às leis do intelecto, a esperança de poder descrever por meio da ciência — e portanto controlar por meio da técnica — a realidade natural e social. Em diversos países e em diversos ramos da atividade cultural, esse ideário se vê atacado a partir de diversos pontos de vista: assim se poderia descrever, de modo extremamente sumário, o que ocorre nessa década. Para resumir numa linha um movimento cultural tão complexo: a naturalidade dos códigos expressivos até então vigentes se vê questionada de modo radical. Por códigos expressivos entendo aqui, por exemplo, a perspectiva na pintura, a tonalidade na música, a transparência semântica na linguagem, a descrição realista do meio social e da psicologia dos personagens no romance. As transformações ocorrem lentamente e com ritmos diversos nas diferentes áreas, e só por comodidade se pode agrupá-las ao redor de uma data “crucial”. Mas, feita essa ressalva, é impressionante a radicalidade com que os criadores se atiram à demolição da herança que tinham recebido.

Um exemplo é a teoria filosófica de Ernst Mach, que recusa a existência de um “sujeito” substancial e afirma que nosso eu nada mais é do que um aglomerado de sensações. Bergson está preocupado com os “dados imediatos da

consciência”; Freud, na época, com o sentido dos sonhos e com a histeria, fenômenos aparentemente irracionais, mas que podem ter uma lógica própria.

O reconhecimento da lógica das paixões, na esfera da psicologia e da filosofia, talvez seja a marca distintiva dessa mutação. Não que ela fosse desconhecida até então: seria absurdo pretender tal coisa. Mas, de um modo ou de outro, o afetivo havia permanecido como região à parte, uma espécie de território reservado à sensibilidade individual, passível em princípio de controle pela razão (este é o tema de todas as éticas), porém sempre considerado um poder essencialmente “disruptor” e excessivo, não distante do caótico e eventualmente do louco. O que a psicanálise veio mostrar é que essas paixões obedeciam a uma outra lógica, a do inconsciente, e que essa lógica podia ser enunciada num sistema teórico.

Dessa forma, o território da razão se vê simultaneamente reduzido e ampliado. Reduzido, porque ela se descobre muito mais influenciada do que se podia suspeitar pelo seu “outro”, infiltrada por ele até mesmo onde pensava reinar soberana (pense-se nas noções de “racionalização” e de “sublimação”). Ampliado, porque a própria razão permite compreender como e por que tais processos ocorrem e, eventualmente, como eles podem ser revertidos ou parcialmente neutralizados (pense-se nas noções de “sintoma” e de “interpretação”).

A aposta de Freud é que a análise pode transformar e emancipar. Nisso, é acompanhado por outros pensadores e criadores em diversas esferas, também sensíveis ao poder do estranho em nós. A inspiração dessa empreitada é, sem dúvida, socrática e iluminista. Mas a criatura irá além do criador, e nem sempre se poderá atrelar novamente o irracional às rédeas da razão, mesmo mais bem temperada do que quando vestia as roupagens do “pequeno racionalismo” (Merleau-Ponty).

O século xx, filho daquela década inquieta, angustiada e sublime, será o mais selvagem e violento da história, palco de destruição e barbárie sem precedentes, porque potencializadas pela tecnologia. Mas será também palco de uma vitalidade criativa que alterará radicalmente a vida humana, mesmo que a velocidade de tal alteração seja fonte de mais angústia e de mais desorientação. Talvez o ano de 1895 seja emblemático dessa situação: entre tantas outras obras, ele viu surgir uma novela, *O jardim do conhecimento*, do escritor austríaco Andrian, cuja epígrafe era “Ego Narcissus”. Como se sabe, Narciso apaixonou-se por sua imagem e morreu fascinado por ela.

O narcisismo não será a marca distintiva do século que começou em 1895, tanto na sua vertente megalomaniaca quanto na sua vertente autoerótica, tanto nas defesas narcísicas erigidas contra a sensação de estilhaçamento e de fragmentação (tão característica da psique contemporânea), quanto ainda — *last but not least* — na afirmação das “pequenas diferenças”, que pode conduzir à “ação afirmativa” bem como aos massacres tribais a que assistimos atualmente?

Signo dos tempos, o tema da Bienal de Veneza coordenada por Jean Clair foi “o corpo e o autorretrato”. Ele se pergunta: “e se o *Novecento* tivesse sido, mais do que qualquer outro, o século do autorretrato e não da arte abstrata?”. Perdido no seu espelho, Narciso procuraria reencontrar-se por meio da busca desesperada de sua imagem, que no entanto sempre lhe escapa... e sempre reaparece, um pouquinho além do seu alcance: como se Tântalo presidisse ao destino de Narciso!

Voltemos um instante à *Traumdeutung*. Quando Freud a redige, o século xx ainda está por começar. Mas como não reconhecer, nos temas e nos métodos apresentados no livro, uma antecipação do que estava por vir? Se há uma atividade na qual o autorretrato está ao alcance de quem não é artista, esta é precisamente a psicanálise: ao longo de centenas de sessões, o paciente vai configurando, toque por toque, pincelada por pincelada, uma imagem que pode ser sugestivamente comparada a um retrato — talvez o de Dorian Gray, aliás contemporâneo de todos esses desenvolvimentos. A comparação não parecerá tão descabida se pensarmos na neurose de transferência, que segundo Freud é um decalque aproximado da neurose original, destinado a se dissolver no decurso da análise. A analogia, porém, se encerra aqui: pois na análise o modelo sobrevive, ainda que com rugas, enquanto o retrato tem existência apenas virtual.

A ATUALIDADE DA *TRAUMDEUTUNG*

Na sua composição paulatina, o “retrato” analítico recebe uma importante contribuição da análise dos sonhos. A cada vez que um analista interpreta um relato de sonho, de certa forma está mantendo um diálogo com Freud, o que é a prova mais eloquente da atualidade do livro. Entre as inúmeras homenagens que lhe foram prestadas por ocasião do centenário da sua publicação, gostaria de destacar um número da revista *Psychê*, editada pelo centro de psicanálise da

Universidade São Marcos e dedicado à prática da interpretação dos sonhos na clínica contemporânea.¹ Os artigos retomam aspectos que Freud evidenciou, ou se referem a conceitos introduzidos na psicanálise por analistas posteriores, mas que confirmam que a estrutura do campo psicanalítico é no essencial como o fundador a descreveu. Esse dado não é nada trivial, e merece que o consideremos com atenção.

Em primeiro lugar, pontos de detalhe mencionados na *Traumdeutung* conservam sua atualidade e são utilizados diariamente pelos analistas: por exemplo, a ideia de que o sonhador pode ser representado por qualquer elemento do conteúdo manifesto se encontra ilustrada, num dos textos, pelo sonho em que a gestante se vê representada pelo bebê que vai nascer. Cassandra Pereira França se pergunta se os sonhos infantis são ou não iguais aos do adulto — para Freud, eram apenas mais simples e transparentes —, mostrando que há pontos coincidentes. A tese freudiana de que os sonhos são a estrada real (hoje diríamos: a autopista) para o conhecimento do inconsciente é comprovada pelos artigos sobre Matte Blanco, sobre o aspecto estético do *self*, a mobilidade psíquica e a importância de a criança ter sido “sonhada” por seus pais. É importante notar que, mesmo se para os diversos autores a mente humana não está constituída exatamente da mesma forma que para o Freud de 1900, o sonho trabalhado na clínica continua a ser um dos meios privilegiados de acesso a ela. Isso porque o sonho evidencia de modo particularmente claro uma série de aspectos do funcionamento psíquico, num tipo de material que, de uma vez por todas, Freud nos ensinou a interpretar. Assim, as *funções* do sonho (outro tópico longamente discutido na *Traumdeutung*) continuam a ser exploradas: vários textos de revista mostram como o sonho oferece acesso à mente infantil, deixa entrever de que maneira o indivíduo vislumbra sua própria existência, alude às dimensões “misteriosas” do viver, abre espaço para a reestruturação da vida e para a integração da personalidade, elabora o traumático por meio da repetição ou da antecipação (um parto iminente, por exemplo). No trabalho clínico, o sonho abre espaço no universo das representações — o que Freud demonstra no seu livro —, mas também para um campo aquém das representações: um dos autores fala no “aquém do reprimido”.

¹ Revista *Psychê*, nº 4, São Paulo, Centro de Psicanálise da Universidade São Marcos, 1999.

Pode-se dizer que, tanto para Freud como para os pós-freudianos, a psicanálise deve chegar ao “profundo” (*Tiefenpsychologie*), àquilo que nos move à nossa revelia. O que é exatamente esse “profundo”? Freud o situa nas paragens do complexo de Édipo, e a banalização aparente dessa noção, após um século de psicanálise, em nada diminui a importância da descoberta. Mas ele mesmo falou na “pré-história” desse complexo, e é por essa via que enveredam seus sucessores. Nesse número da revista *Psychê*, o que um dos autores chama de o “transfundo da mente” aparece em vários momentos, referido às obras de Bion, de Winnicott, de Melanie Klein, de Matte Blanco, e conceituado como “ser interior”, “ininterrupta cadeia de processos oníricos”, “aspectos paradoxais”, “aspectos estético do *self*”, etc., segundo a terminologia adotada por cada autor.

O sonho também pode ser tomado em sentido metafórico, como constituição do humano por meio do sonho da mãe em relação ao seu filho, ou, como faz outra autora, o cinema pode ser considerado análogo do sonho: trata-se de um filme no qual a distinção entre a história e a realidade aparece esfumada, como que entre parênteses. Ilustra-se assim a mobilidade psíquica, isto é, a capacidade de transitar entre modos diversos de funcionamento e, por esse trânsito, atingir simultaneamente uma maior discriminação e uma maior integração entre eles.

Esses exemplos, tomados de uma publicação recente, em si mesmos não têm qualquer valor estatístico. Mas o leitor poderá repetir a experiência com outras publicações, e elas não faltam neste ano comemorativo; tenho certeza de que se dará conta de como a *Traumdeutung* continua a ser uma referência comum para todos os psicanalistas, seja qual for a sua orientação clínica ou teórica. E isso tanto porque ainda pensamos com os seus conceitos — mesmo e sobretudo quando os utilizamos para inventar outros — quanto porque os sonhos de Freud nos servem como referência compartilhada, como material cuja função *exemplar* inspira a teorização flutuante de cada um de nós.

Em suma: tem razão André Green, que, ao ser interrogado certa vez sobre o que havia de “novo” na psicanálise, respondeu sem hesitar: “Freud”.

Interfaces é um termo que remete à geometria e à informática, disciplinas que podem oferecer ao psicanalista boas metáforas para caracterizar seu trabalho.

Na geometria, a razão humana encontrou seu primeiro triunfo — a descoberta da prova irrefutável — mas também seu primeiro limite: a relação “irracional” entre a diagonal e o lado do quadrado. É fácil perceber a analogia com nossa vida psíquica, feita de racionalidade e desrazão. Na informática, a ideia de um aparelho no qual programas e códigos permitem uma variedade quase ilimitada de operações serve como imagem do “aparelho psíquico” descrito por Freud há mais de cem anos. Nessa perspectiva, as interfaces da psicanálise são suas áreas de contato com disciplinas afins, com o ambiente sociocultural que a impregna e no qual ela se realiza como prática, e também com seu próprio passado, rico e multifacetado — solo em que se depositaram sucessivas camadas de húmus, e no qual as criações conceituais e terapêuticas da atualidade mergulham suas raízes.

www.blucher.com.br

ISBN 978-85-212-1865-4



Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Interfaces da Psicanálise

Renato Mezan

ISBN: 9788521218654

Páginas: 592

Formato: 16 x 23 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.000 kg
